

ESTILHAÇOS DE MEMÓRIAS: A FICÇÃO DETETIVESCA DE LUCHA CORPI COMO LUGAR DE REMEMORAÇÃO

Juliana Machado Meanda

Orientadora: Carla de Figueiredo Portilho

Mestranda

RESUMO: Este artigo aborda a questão da memória na série de ficção detetivesca da escritora Lucha Corpi, cujo *corpus* selecionado é composto pelas três primeiras obras da sequência, publicadas na década de 1990: *Eulogy for a brown angel* (1992), *Cactus blood* (1995) e *Black widow's wardrobe* (1999). Estas narrativas trazem como protagonista Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana, através da qual são levantadas diversas questões que envolvem o contexto cultural, histórico, social e político deste grupo subalternizado dentro dos Estados Unidos. Corpi promove releituras históricas e mergulhos culturais através do resgate de símbolos, mitos e eventos políticos marcantes para o povo chicano, evidenciando que este termo não abarca um grupo homogêneo, mas que mesmo existindo questões comuns, há ainda muitas desigualdades internas, especialmente em relação à condição da mulher. A investigação dos mistérios do presente leva a explorações sobre o passado, e a memória assume papel crucial neste elo, pois através dela o passado se torna presente e pode ser ressignificado. A memória é utilizada como estratégia para o resgate de episódios muitas vezes apagados pela historiografia oficial. Serão examinadas as principais recordações levantadas nestas três obras, evidenciando a ficção detetivesca marginal, isto é, produzida por uma minoria, como espaço de crítica e denúncia. A autora faz de sua literatura um lugar de rememoração, uma vez que por meio de lembranças pessoais das personagens são resgatadas memórias coletivas de circunstâncias notáveis para a comunidade chicana, que assume a construção de seus próprios textos e de sua própria história.

PALAVRAS-CHAVE: Memória, Representação feminina, Ficção detetivesca, Literatura chicana.

Minha pesquisa de Mestrado tem como objeto de estudo os três primeiros títulos da série de ficção detetivesca da escritora Lucha Corpi: *Eulogy for a brown angel* (1992), *Cactus blood* (1995) e *Black widow's wardrobe* (1999), obras que trazem como protagonista Gloria Damasco, a primeira detetive feminina da literatura chicana. O presente artigo aborda o tema

da memória nessas produções e sua relação com a construção identitária, articulando questões trazidas pelos títulos literários com reflexões de teóricos como Hall (1991), Nora (2009), Pollak (1992), Rodriguez (2005), Jiménez (2010), dentre outros, buscando as relações entre passado e presente, memória e identidade.

Lucha Corpi, nascida no México em 1945 e residente dos Estados Unidos desde 1964, é uma escritora contemporânea que traz em sua obra de ficção detetivesca questões de preconceito racial e injustiça social em relação à comunidade chicana, termo que carrega em si uma conotação política por aqueles que assim se autodenominam, evidenciando suas raízes mexicanas. “Chicana/o” pode se referir tanto a nascidas/os no México e imigrantes nos Estados Unidos (como a autora) quanto a nascidas/os em território estadunidense¹ de ascendência mexicana. Tanto Lucha Corpi como sua protagonista Gloria Damasco se identificam com o termo, intitulado-se chicanas e evidenciando assim uma perspectiva política, problematizando construções históricas e sociais de seu grupo étnico e evidenciando que o termo não abarca um bloco monolítico.

O livro *Eulogy for a brown angel* (1992), título de estreia da série, apresenta Gloria Damasco como uma jovem mulher chicana, que tem uma profissão e também é mãe e esposa. Ela entra no mundo da investigação criminal de forma acidental, através de um fatídico acontecimento ocorrido em 1970 durante o protesto que ficou conhecido como *Chicano Moratorium March* (marcha da Moratória Chicana), manifestação política que era conduzida de forma pacífica até a intervenção violenta da polícia, evento que de fato ocorreu naquele ano em Los Angeles: “Era 29 de agosto de 1970, um sábado quente e ensolarado que seria lembrado como a Moratória Nacional Chicana, um dos dias mais violentos da história da Califórnia.”² (CORPI, 1992, p. 17) [tradução minha] Corpi esclarece que o ato foi realizado em protesto contra a guerra do Vietnã e pela justiça social em prol dos chicanos nos Estados Unidos: “[...] nós fomos protestar contra a intervenção dos Estados Unidos no sudeste asiático e a indução de centenas de jovens Chicanos ao ingresso nas forças armadas.”³ (CORPI, 1992, p. 17) [tradução minha] Chávez (2002, p. 61) comenta sobre essa questão e sobre as razões

¹ O termo “estadunidense” é utilizado em lugar do mais usual “norte-americano” por explicitar o país da América do Norte está sendo referido, uma vez que este continente engloba três países.

² “It was August 29, 1970, a warm, sunny Saturday that would be remembered as the National Chicano Moratorium, one of the most violent days in the history of California.” (CORPI, 1992, p. 17)

³ “[...] we had come to protest U.S. intervention in Southeast Asia and the induction of hundreds of young Chicanos into the armed forces.” (CORPI, 1992, p. 17)

que levaram às manifestações políticas, afirmando que a Guerra do Vietnã teve um efeito profundo na juventude chicana das décadas de 1960 e 1970 e que a alta proporção de mexicano-americanos⁴ lutando e morrendo na Ásia, somada à maior conscientização desses jovens sobre questões sociais, levou a um vigoroso protesto contra a guerra. Ele acrescenta ainda que inicialmente a atmosfera era festiva em 29 de agosto de 1970 e que havia cerca de 20 mil pessoas participando do ato. (CHÁVEZ, 2002, p. 68)

Dentro desse contexto, no qual Gloria manifesta sua posição política, ela acidentalmente encontra o corpo de um menino chicano, morte que será decisiva na transformação que se dará em sua vida, pois a partir daí se intensifica nela um forte ímpeto de busca por justiça e assim acaba tornando-se investigadora amadora do caso, auxiliando a polícia na procura pelo assassino. Deste modo, Corpi resgata um evento político de grande importância para os chicanos e ainda comenta sobre outra morte de fato ocorrida naquele cenário de protestos. Este outro óbito foi de um nome ilustre para a comunidade chicana, Rubén Salazar, conhecido como o primeiro jornalista mexicano-americano da grande mídia a cobrir assuntos referentes ao povo chicano. Salazar foi atingido por um projétil de gás lacrimogêneo disparado pela polícia de Los Angeles: “Desta vez a polícia foi longe demais. Afinal, Rubén Salazar não era qualquer Chicano; ele era repórter e apresentador de notícias na TV.”⁵ (CORPI, 1992, p. 41) [tradução minha] Chávez (2002, p. 70) comenta que houve três mortes durante o ato, e que foi a de Rubén Salazar a que mais chamou a atenção, pois ele era bastante conhecido e altamente respeitado, e como colunista do jornal *Los Angeles Times* procurava esclarecer as preocupações da comunidade chicana a um público maior.

A obra efetua assim o resgate de um dos momentos mais importantes do Movimento Chicano, rememorando o protesto pacífico e a posterior truculência das autoridades policiais, que transformaram o evento em um cenário de violência. O pertencimento a um grupo subalternizado como os chicanos traz a importância da memória para sua construção identitária, como afirma Nora (2009, p. 8): “[...] temos testemunhado a rápida emergência de

⁴ Como tradução de “*Mexican American*” utilizo o termo “mexicano-americano”, mas ainda que este seja o termo mais usualmente utilizado em língua portuguesa para designar uma pessoa que possui dupla origem nos países do México e dos Estados Unidos, quando utilizo esta expressão remeto a “mexicano-estadunidense” - a partir do termo em espanhol “*mexicano-estadounidense*” - que considero mais adequado por explicitar os países que estão sendo referidos. Apesar de os estadunidenses se autodenominarem simplesmente “americanos”, os cidadãos de todas as Américas são também “americanos”.

⁵ “This time the police had gone too far. After all, Rubén Salazar wasn’t just any Chicano; he was a reporter and a TV news personality.” (CORPI, 1992, p. 41)



todas as formas de memória no caso de minorias, para as quais a recuperação de seu passado é parte integral da afirmação de sua identidade.” Essa perspectiva é corroborada por Pollak (1992, p. 5), que afirma que “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva.” Assim, é notável a importância da memória para a construção identitária, tecendo a relação entre passado e presente.

Cactus blood (1995), segundo título da série, também traz questões relevantes para a comunidade chicana, ressaltando mais uma vez o ativismo político da década de 1970. Gloria surge como uma mulher mais madura, viúva e com sua filha já independente, e agora almejando tornar-se investigadora particular profissional. O caso que examina nesta ocasião é a morte de um ativista chicano, em cujo apartamento é encontrado um vídeo que mostra cenas da greve da *United Farm Workers* (sindicato da união de trabalhadores agrícolas) de 1973, com imagens da bandeira deste grupo de trabalhadores rurais chicanos e de seu líder César Chávez, além da Virgem de Guadalupe, símbolos que trazem memórias significativas para o povo chicano:

A câmera ampliou para uma visão mais próxima, e César Chávez [...] entrou no campo de visão. Ele liderava uma linha de piquete de homens e mulheres - trabalhadores rurais e simpatizantes da greve, carregando a bandeira da águia negra sobre vermelho da *United Farm Workers* e cartazes com a imagem da *Virgen de Guadalupe*.⁶ (CORPI, 1995, p. 17) [tradução minha]

É notável a magnitude da Virgem de Guadalupe como ícone da comunidade chicana que evidencia suas origens mexicanas. Como apontam Rodríguez e Fortier (2007, p. 5) [tradução minha]: “Nossa Senhora de Guadalupe como memória cultural é sem dúvida o símbolo espiritual e cultural mais significativo para os mexicano-americanos.”⁷ Os teóricos acrescentam que, para este grupo étnico, ela representa uma afirmação de seu valor e uma avaliação positiva de sua própria cultura e tradição, tornando-se um símbolo fortalecedor que afirma seu senso comum como povo. (RODRÍGUEZ & FORTIER, 2007, p. 5) A imagem

⁶ “The camera zoomed in for a closer view, and César Chávez [...] came into the field of vision. He headed a picket line of men and women - farm workers and strike sympathizers, carrying the-black-eagle-on-red United Farm Workers’ flag and banners bearing the image of the *Virgen de Guadalupe*.” (CORPI, 1995, p. 17)

⁷ “Our Lady of Guadalupe as a cultural memory is undoubtedly the most significant spiritual and cultural symbol for Mexican Americans.” (RODRÍGUEZ & FORTIER, 2007, p. 5)

desta santa é recorrente nas manifestações artísticas e culturais dos chicanos, e também presente em expressões de ordem política e social, como ilustrado no trecho de Corpi.

Em relação à greve promovida pelo sindicato de trabalhadores agrícolas (*United Farm Workers - UFW*), houve também um boicote às uvas pelos chicanos na Califórnia em 1973, que Gloria afirma ter apoiado junto com sua família, mostrando mais uma vez sua veia politicamente engajada. Toda essa agitação foi promovida por melhores condições de trabalho e em manifestação contra os pesticidas utilizados, que contaminavam não somente as plantações, mas também as pessoas, colocando em risco a saúde tanto dos produtores quanto dos consumidores. Como aponta Jiménez (2010, p. 45), a *UFW*, liderada por César Chávez, organizou trabalhadores rurais em boicotes e greves não violentos em todo o sudoeste dos Estados Unidos, trazendo melhores salários e condições de trabalho aos empregados rurais, a maioria dos quais imigrantes mexicanos. Além dessas lembranças, ao assistir ao vídeo Gloria se sente pessoalmente afetada, e rememora a violência sofrida durante a marcha da Moratória Chicana, tratada no livro anterior de Corpi:

Como se tivessem sido lançados pessoalmente contra mim, os insultos raciais trovejaram em meus ouvidos e perfuraram meu coração. Uma raiva visceral surgiu lentamente do fundo de mim e atingiu as paredes da minha garganta. Eu não sentia uma raiva tão impotente desde a manifestação e marcha da Moratória Nacional Chicana de Los Angeles em 1970, quando a polícia nos atacou enquanto nos reuníamos pacificamente.⁸ (CORPI, 1995, p. 18) [tradução minha]

Assim, mais uma vez a identidade chicana é relacionada a uma postura política e a um sentido de comunidade, resgatando a memória de eventos que fazem parte da construção identitária coletiva e individual. Como assinala Stuart Hall (1991, p. 18) [tradução minha]: “[...] a relação que os povos do mundo agora têm com seu próprio passado é, certamente, parte da descoberta de sua própria etnicidade. Eles necessitam honrar as histórias ocultas das quais eles vêm.”⁹ O teórico comenta ainda sobre um novo tipo de etnicidade que tem relação com o passado em parte através da memória e em parte através da narrativa, em uma relação

⁸ “As if they had been thrown personally at me, the racial slurs thundered in my ears and pierced my heart. A visceral anger rose slowly from deep within me and hit the walls of my throat. I hadn’t felt such impotent rage since the 1970 Los Angeles National Chicano Moratorium march and riot, when the police had attacked us as we peacefully assembled.” (CORPI, 1995, p. 18)

⁹ “[...] the relation that peoples of the world now have to their own past is, of course, part of the discovery of their own ethnicity. They need to honor the hidden histories from which they come.” (HALL, 1991, p. 18)

que precisa ser retomada em um ato de recuperação cultural (HALL, 1991, p. 19). Corpi empreende em sua obra essa relação entre memória e narrativa na construção de uma identidade étnica que recupera a cultura de um grupo que foi sistematicamente marginalizado pela hegemonia branca dos Estados Unidos. Nora (2009, p. 7) traz também reflexões sobre o passado, afirmando que traços dele contêm o segredo do que nós somos, de nossa identidade, e que só conseguimos recuperar o passado por meio de uma operação de reconstrução. Vemos assim que a obra de Corpi promove uma reconstrução do passado através de diversos elementos que são capturados pela memória e que por sua vez são componentes na construção identitária.

Em *Black widow's wardrobe* (1999), Corpi traz Gloria Damasco já como uma detetive profissional, encarregada de proteger uma mulher que acredita ser a reencarnação da figura lendária de Malintzin Tenepal ou Doña Marina, mais conhecida como “La Malinche”, que teve papel crucial na Conquista do México no século XVI como tradutora entre espanhóis e indígenas: “Na história do México, Doña Marina, também conhecida como La Malinche, foi uma mulher indígena que ajudou Hernán Cortés, o conquistador espanhol do México, a derrotar os astecas de Moctezuma.”¹⁰ (CORPI, 1999, p. 57) [tradução minha] Até mesmo o nome desta personalidade é problematizado na obra por uma personagem que ajuda Gloria na investigação, pesquisando sobre a figura histórica:

Mas não digamos “Malinche”. Esse nome lhe rouba sua identidade singular, porque Cortés também era chamado de Malinche pelos nativos. “Dona Marina”, seu nome cristão, também não diz nada sobre quem ela realmente era. Vamos chamá-la pelo seu nome verdadeiro: Malintzin Tenepal, uma princesa Nahuatl na região de Coatzacoalcos.¹¹ (CORPI, 1999, p. 57) [tradução minha]

A figura de Malinche possui grande simbologia para os mexicanos e consequentemente para os chicanos, por ser considerada a mãe da nova raça, dando origem aos mestiços no colonizado México. No entanto, a visão tradicional sobre ela é negativa,

¹⁰ “In Mexican history, Doña Marina, also known as La Malinche, was an Indian woman who had helped Hernán Cortés, the Spanish conqueror of Mexico, to defeat Moctezuma’s Aztecs.” (CORPI, 1999, p. 57)

¹¹ “But let’s not say ‘Malinche.’ That name robs her of her singular identity, because, you see, Cortés was also called Malinche by the native people. ‘Doña Marina,’ her Christian name, also says nothing about who she really was. Let’s call her by her true name: Malintzin Tenepal, a Nahuatl princess in the region of the Coatzacoalcos.” (CORPI, 1999, p. 57)

julgando-a como traidora do povo nativo por ter auxiliado o colonizador. Gloria Damasco reflete sobre esta questão: “Ela foi certamente a mulher mais difamada e incompreendida na história do México [...]”¹² (CORPI, 1999, p. 85) [tradução minha] Como afirma Todorov:

Os mexicanos pós-independência geralmente desprezaram e acusaram a Malinche, que se tornou a encarnação da traição dos valores autóctones, da submissão servil à cultura e ao poder europeus. [...] ela é [...] o primeiro exemplo, e por isso mesmo o símbolo, da mestiçagem das culturas; anuncia assim o Estado mexicano moderno e, mais ainda, o estado atual de todos nós, que, apesar de nem sempre sermos bilíngues, somos inevitavelmente bi ou triculturais. (TODOROV, 2010, p. 147)

Corpi traz, através de suas personagens, outras perspectivas a respeito desta mulher que foi tão condenada ao longo da história mexicana: “Logo percebi que algumas Chicanas contemporâneas haviam assumido a tarefa de revisar a história de Malinche e limpar seu nome.”¹³ (CORPI, 1999, p. 97) [tradução minha] Assim, ao longo do livro são problematizadas diversas questões em torno dessa figura ao mesmo tempo histórica e mítica, a exemplo de certos termos relacionados a ela, como *malinchista* - forma pejorativa que designa uma mulher traidora, que prefere uma cultura estrangeira à sua original, e o termo *chingada* - que possui conotação também depreciativa no sentido de uma mulher violada, ou prostituta. É interessante ressaltar aqui as reflexões de Rodríguez e Fortier (2007, p. 10-13), que apontam que a memória cultural carrega semelhanças tanto com a memória histórica quanto com o mito, e que os eventos do passado não estão confinados ou limitados ao passado, mas continuam a dar sentido ao presente. Jager apresenta uma perspectiva semelhante, abordando a relação do mito com o presente através da figura de Malinche:

A Malinche mítica tem fornecido um fórum para discussões recorrentes sobre conquista, identidade nacional, harmonia social, raça e gênero. A flexibilidade da narrativa de Malinche tem sido propícia aos debates nacionais e fundamental para sua relevância ao longo do tempo.¹⁴ (JAGER, 2015, p. 209) [tradução minha]

¹² “She was surely the most maligned and misunderstood woman in the history of Mexico [...]” (CORPI, 1999, p. 85)

¹³ “I soon realized that some modern-day Chicanas had taken up the task of revising Malinche’s history and clearing her name.” (CORPI, 1999, p. 97)

¹⁴ “Mythic Malinche has provided a forum for recurring discussions on conquest, national identity, social harmony, race, and gender. The flexibility of Malinche’s narrative has been conducive to national debates, and fundamental to her relevance over time.” (JAGER, 2015, p. 209)

É interessante notar as duas imagens simbólicas femininas analisadas, presentes na série de Corpi, que apresentam uma visão dicotômica a respeito da mulher. Por um lado, a virgem e santa Guadalupe, e por outro, a traidora e vulgar Malinche. Jager (2015, p. 179) [tradução minha] aponta: “A Virgem de Guadalupe tornou-se o símbolo feminino definitivo. Em vez disso, Malinche passou a ser interpretada como a Eva mexicana que havia cedido à tentação, dormido com os conquistadores espanhóis e levado o México nativo à ruína.”¹⁵ A revisão mais recente e de cunho feminista da figura de Malinche efetuada por chicanas traz um resgate não somente da visão sobre aquela mulher indígena mas também sobre si mesmas: “Como Malinche, as feministas Chicanas não rejeitaram sua mexicanidade, mas rejeitaram a imagem negativa de Malinche como uma deformação de si mesmas.”¹⁶ (JAGER, 2015, p. 204) [tradução minha] Assim a figura de Malinche percorre a história por mais de cinco séculos, sendo ainda relevante no presente. Como aponta Hall (1991, p. 20) [tradução minha]: “Essas são as novas etnicidades, as novas vozes. Elas não são nem presas ao passado, nem capazes de esquecer o passado.”¹⁷

Deste modo, é possível perceber que a construção identitária da detetive Gloria Damasco está entrelaçada à memória, pois parte de uma releitura histórica e de um mergulho cultural através do resgate de símbolos e eventos significativos para o povo chicano, sendo assim posicional e política. Como coloca Rodriguez (2005, p. 8), a/o detetive invariavelmente entra em uma busca ontológica em seu próprio sentido de estar no mundo, e acaba desvendando mistérios não somente sobre o caso e o assassino, mas também um sobre si mesma/o. Mais especificamente sobre a série de Corpi, ele reflete:

A série Gloria Damasco de Lucha Corpi procura melhor entender como a história e a memória moldam a identidade e avaliar seu impacto correspondente nos movimentos políticos. A cada romance, Corpi, uma escritora feminista mergulhada no ativismo Chicana/o dos anos 1960 e 1970, luta contra a construção frequentemente monolítica da identidade cultural

¹⁵ “The Virgin of Guadalupe had become the ultimate feminine symbol. Instead Malinche came to be interpreted as the Mexican Eve who had given into temptation, slept with the conquering Spaniards, and led Native Mexico into ruin.” (JAGER, 2015, p. 179)

¹⁶ “Like Malinche, feminist Chicanas did not reject their Mexicanness, yet they did reject Malinche’s negative image as a deformation of themselves.” (JAGER, 2015, p. 204)

¹⁷ “Those are the new ethnicities, the new voices. They are neither locked into the past nor able to forget the past.” (HALL, 1991, p. 20)



Chicana/o associada ao Movimento Chicana/o.¹⁸ (RODRIGUEZ, 2005, p. 11) [tradução minha]

Corpi problematiza as identidades e não as coloca como um bloco ou essência, fazendo notar que mesmo tratando-se de uma coletividade com questões comuns, há ainda muitas diferenças internas, principalmente em relação às mulheres, as quais também não são categorizadas como um grupo homogêneo. Nas palavras de Pollak (1992, p. 5): “[...] memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo.”

Por fim, na série detetivesca de Corpi a investigação dos mistérios do presente leva a explorações sobre o passado e a memória assume papel crucial neste elo, pois através dela o passado se torna presente e pode ser ressignificado. A memória é utilizada como estratégia para o resgate de episódios muitas vezes apagados pela historiografia oficial, e de acordo com o historiador Nora (2009, p. 9) “[...] a memória é um tipo de justiça. Em outras palavras, a memória lembra e a História esquece. Hoje em dia, a História deve proporcionar o conhecimento, mas a memória dá o significado.” Desta forma, Corpi promove uma revisão crítica da história, oferecendo novas perspectivas sobre o passado e fazendo de sua ficção um lugar de rememoração, uma vez que por meio de lembranças pessoais das personagens são resgatadas memórias coletivas de circunstâncias notáveis para a comunidade chicana, que assume a ressignificação e a (re)construção de sua própria identidade multifacetada.

REFERÊNCIAS

CHÁVEZ, Ernesto. *¡Mi raza primero! My people first! Nationalism, identity, and insurgency in the Chicano Movement in Los Angeles, 1966-1978*. California: University of California Press, 2002.

CORPI, Lucha. *Eulogy for a brown angel*. Houston: Arte Público Press, 1992.

_____. *Cactus blood*. Houston: Arte Público Press, 1995.

_____. *Black widow's wardrobe*. Houston: Arte Público Press, 1999.

¹⁸ “[...] Lucha Corpi’s Gloria Damasco series seeks to understand better how history and memory shape identity and to gauge their corresponding impact on political movements. With each novel, Corpi, a feminist writer steeped in the Chicana/o activism of the 1960s and 1970s, struggles with the often-monolithic construction of Chicana/o cultural identity associated with the Chicana/o Movement.” (RODRIGUEZ, 2005, p. 11)



HALL, Stuart. Ethnicity: identity and difference. *Radical America*, v. 23, n. 4, 1991.

JAGER, Rebecca Kay. *Malinche, Pocahontas, and Sacagawea: indian women as cultural intermediaries and national symbols*. Norman: University of Oklahoma Press, 2015.

JIMÉNEZ, Tomás R. *Replenished ethnicity: Mexican Americans, immigration, and identity*. Berkeley: University of California Press, 2010.

NORA, Pierre. Memória: da liberdade à tirania. *MUSAS: Revista Brasileira de Museus e Museologia*, ano V, n. 4, 2009.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, v. 5, n. 10, 1992.

RODRIGUEZ, Ralph E. *Brown gumshoes: detective fiction and the search for chicana/o identity*. Austin: University of Texas Press, 2005.

RODRÍGUEZ, Jeanette & FORTIER, Ted. *Cultural memory: resistance, faith, and identity*. Austin: University of Texas Press, 2007.

TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.